A Bíblia de boca em boca

Ana Lucia Alencar de Souza[1]

Resumo
As narrativas bíblicas povoam o imaginário do povo brasileiro. No contexto eclesial, a Bíblia pode ser compreendida como um espelho no qual as pessoas refletem sobre sua vida e sua realidade. Com este trabalho, pretende-se analisar uma experiência de "leitura" popular da Bíblia no interior do Nordeste do Brasil, com ênfase na vivência de pessoas iletradas, demonstrando, assim, que a tradição oral, presente no processo de elaboração dos textos bíblicos, ainda encontra correspondência na formação de comunidades cristãs na atualidade.

Palavras chave: Bíblia. Leitura popular da Bíblia. Tradição Oral.

Introdução

Minha vivência como cristã e religiosa do Instituto Religioso Nova Jerusalém, uma congregação cujo carisma é o estudo, a proclamação e a difusão da Sagrada Escritura, tem me levado a conhecer vários cenários na execução de meu trabalho pastoral e carisma. É certo que, em qualquer lugar ou missão que nos colocamos a caminho, sempre levamos nosso conhecimento, nosso saber, mas também é certo que trazemos algo de novo a partir da palavra partilhada e da partilha de vida realizada em cada comunidade.

Minha última missão bíblica antes da pandemia aconteceu em setembro de 2019, no interior do Estado do Piauí. A missão era falar sobre a Bíblia e incentivar sua leitura para romeiros, vindos de várias cidades do interior do Nordeste, que participavam da festa no Santuário, o maior do Piauí, de Santa Cruz dos Milagres, localizado na cidade que leva o nome do Santuário. Essa foi minha primeira missão

[1] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Teologia (PPGTEO) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Possui graduação em Teologia (2005) e especialização em Estudos Bíblicos (2012) pela Faculdade Católica de Fortaleza. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Bíblica.

em um cenário de romaria, multidão, em plena festa religiosa, precisamente, no dia 14 de setembro, na Festa da Exaltação da Santa Cruz.

O grupo era composto por quatro irmãs. Então, nós nos preparamos, sem, no entanto, saber o que íamos encontrar. Preparamos diversos materiais e seguimos para a missão. Impossível, à primeira vista, não se fazer uma analogia com o povo da Bíblia: pessoas pobres, simples, cuja maior riqueza está na fé de um Deus que nunca os abandona. As tendas de hoje eram estacas firmadas na terra cobertas por grossas lonas sob as quais colocavam suas redes para dormir. O transporte não eram camelos ou dromedários, agora são os paus de arara[2] lotados.

Observamos que, ao chegar ao lugar de sua peregrinação, o romeiro quer rezar, fazer seus pedidos, agradecer as graças recebidas, pagar suas promessas. Então, depois das missas matinais, quando eles foram para suas "tendas", fomos nós para nossa missão de ensinar a Palavra de Deus e propor aos peregrinos, como uma das diretrizes próprias de nosso Instituto, um método de leitura anual da Bíblia.

Os grupos eram formados, na maioria das vezes, por famílias inteiras. Havia muitas crianças, adultos e idosos. Eu me desloquei em direção a um desses grupos e fui logo tirando o panfleto de dentro da pasta para exibir todo meu conhecimento da Sagrada Escritura e qual não foi meu espanto ao constatar que naquele grupo de umas 20 pessoas, no máximo umas três sabiam ler. Instantaneamente, veio-me o pensamento: e agora, o que fazer? Se a maioria não sabe ler vamos conversar então. Perguntei-lhes se alguém conhecia ou lembrava de alguma história da Bíblia? A partir dessa proposta, aqueles e aquelas mais extrovertidos começam a falar e conscientes ou não eles passaram a relatar aquelas histórias da Bíblia que têm uma referência direta com a sua realidade e a realidade de seus antepassados.

A história que mais foi lembrada foi a história do povo de Abraão que vivia em um deserto, que as vezes faltava água e comida, mas que quando o povo rezava a Deus, este lhe mandava água e comida. Também falaram de Jesus, que morreu na cruz pra nos salvar e que agora estava no céu olhando por eles. Mas, para mim, o que foi mais sensível foi quando eles lembraram daquela pessoa que no passado

[2] Meio de transporte típico do interior nordestino.

lhes contou essas histórias, seus antepassados, pai, mãe, avô, avó ou outro parente. Muitos chegaram às lagrimas de tanta emoção.

Pude constatar que, ali, no meio daquele povo simples, pobre, mas cheio de sabedoria, a palavra de Deus realmente fincou raízes, pois fala ao coração daqueles que fazem memória de seu ancestral que lhe contou sobre este tesouro escondido que é a Palavra de Deus, como também dessa relação entre ela e sua realidade.

1 A importância da tradição oral na formação da Bíblia

Vive-se hoje em um mundo onde a comunicação alcança uma velocidade inimaginável. Todos os avanços da tecnologia levam a humanidade a uma relação mais virtual possível. Tudo está ao alcance de nossas mãos. E a Bíblia, um dos livros mais antigos da humanidade e o mais divulgado do mundo, já se encontra em aplicativos. Apesar de toda essa tecnologia, nossas comunidades cristãs continuam se reunindo para falar de sua realidade a partir da Palavra de Deus, refletindo nesta Palavra suas lutas, suas vitórias, suas alegrias e suas lágrimas. Frei Carlos Mesters, o precursor da Leitura Popular da Bíblia no Brasil através dos círculos bíblicos, define muito bem esta interligação entre Escritura e vida quando coloca os pilares para uma leitura popular da palavra de Deus, a saber: a comunidade, a Palavra e a realidade, isto é, o cerne da leitura popular é a vivência do povo que enxerga na Bíblia o caminho para transformar sua realidade (MESTERS, 1991, p. 24-25).

O Concílio Vaticano II, que foi a porta de acesso para que a Bíblia chegasse ao povo, apresenta, no primeiro capítulo da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, a seguinte afirmação: "Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade" (DV I, 2). Logo, pode-se dizer que os textos bíblicos nascem desse "querer" de Deus em se auto revelar e dar-se a conhecer a todos os povos, a partir dos judeus para todo o gênero humano. A mesma Constituição Dogmática em seu capítulo IV, parágrafo 14 também postula que Deus "revelou-se ao Povo escolhido como único Deus verdadeiro e vivo, em palavras e obras, de tal modo que Israel pudesse conhecer por experiência os planos de Deus sobre os homens".

Existe um dito popular aqui no Nordeste que diz: que se você quiser conhecer plenamente uma pessoa, você terá que comer com ela uma saca de sal. Não se trata de uma piada contra os hipertensos. A sabedoria popular ensina que só se pode conhecer bem uma pessoa, convivendo muito tempo com ela. Estamos diante do que chamamos de conhecimento empírico. Assim, o primeiro momento desse diálogo entre YHWH e Israel se dá nas experiências da vida do povo. Israel, enquanto povo, percebe que não caminha sozinho, pois sente a presença e a manifestação de Deus no percurso de sua caminhada histórica. "A experiência de vida de uma pessoa, ou de um grupo de pessoas, é algo intransferível, é de cada pessoa, ou de cada grupo; é algo arrebatador, pois é a vida mesmo acontecendo" (CARVALHO, 2013, p. 60-74).

A partir de Abraão (Gn 12; Rm 4), considerado pai do povo judeu, começa a história de fé entre YHWH e seu povo. Assim, como toda tradição, a tradição que dará origem ao livro sagrado dos cristãos começará no seio da família de Abraão. E a história dessa experiência com um Deus único, invisível e inominável passa a correr de boca em boca. Começando pelo clã de Abraão, essa história vai sendo contada e repetidas por gerações até ser assumida pelo povo de Israel. Pode-se afirmar que a Bíblia nasce a partir de tradições e de experiências familiares.

Hoje, é muito fácil termos acesso à Bíblia impressa ou virtual, mas a essa facilidade antecedeu a experiência de vida e a narrativa oral dessa experiência. Foram etapas fundamentais para que a Bíblia chegasse até nós. Pontuamos aqui também o caráter predominantemente social de uma tradição.

> Na tradição oral o seu efeito subjectivo é aquilo a que chamamos a identificação, sempre colectiva, seja o registo da família ou do grupo étnico ou da classe social. Não há dúvida que a transmissão oral é governada pela lei de identificação social. Uma teoria da transmissão oral que não abarque a dimensão social é uma teoria deficiente (MOURÃO, 1996, p. 165-166).

A tradição é tudo que compõe a cultura de uma determinada sociedade, a saber: sua linguagem, seus hábitos, crenças, costumes etc. A religião, também como um fenômeno social, agregará valores dentro de uma tradição. Essa tradição se renova a partir de tradições orais: que manterá essa tradição viva e atual até que

se chegue ao momento da escrita. A composição dos livros da Bíblia se inicia com a tradição oral, que irá se atualizando a partir das gerações futuras que passarão de ouvintes a escritores dessa história; que tem por enredo as tramas da vivência cotidiana de Israel e que tem por conteúdo a eleição de Israel e uma aliança firmada com Deus que se faz revelar na história de um povo (MANNUCCI, 1985, p. 66).

A tradição neotestamentária é a encarnação do cumprimento da promessa feita por Deus ao antigo Israel: Jesus não despreza a lei e os profetas, pelo contrário, as valoriza, mas as transcende, pois tem plena consciência de seu papel como salvador e revelador do Pai. Sua tradição se baseia em palavras e atos. Por sua vez, os apóstolos, como pregadores da tradição do ressuscitado, irão levar a tradição de Jesus em forma de pregação com base em exigências dos pregadores e das comunidades. A Igreja nascente unirá essa tradição vinda de Jesus e anunciada pelos apóstolos à sua doutrina e ao seu culto. Essa tradição oral torna-se Escritura Sagrada, pois nos conta a história da Revelação de Deus para a humanidade (MANNUCCI, 1985, p. 69-75).

Segundo Carvalho, para o exercício de uma tradição oral faz-se necessário a sonorização, o som emitido pela pessoa que fala e a que ouve. E a memória, para guardar no coração e transmitir a mesma mensagem para os que virão depois" (2013, p. 60-74).

2 A tradição oral e a leitura popular da Bíblia em nossos dias

Até aqui, foi visto a importância da tradição oral para a formação da Bíblia. Agora, no entanto, levanta-se o questionamento: e hoje, será que a tradição oral ainda seria relevante em se tratando de leitura popular da Bíblia?

Num primeiro momento responderíamos que não, que seria uma coisa ultrapassada. Não nos esqueçamos, porém, que o Brasil tem uma alta taxa de analfabetismo. Se para a grande maioria do povo brasileiro ter comida todos os dias à mesa é um milagre; ter uma educação por mais básica que seja, saber ler, é um luxo. Vale ressaltar ainda que a tradição oral tem sua importância para os alfabetizados, posto que antes de lermos a Bíblia, ela chega até nós através de suas histórias. E essas histórias vão se fazendo memórias afetivas em nossa vida e

quando chegar o momento da leitura, essas narrativas, já estão mais do que consolidadas em nosso caminhar de filhos e filhas de Deus.

E os protagonistas dessas histórias bíblicas, apesar de toda auréola de santidade que os envolvemos, são pessoas comuns, e, graças a Deus, falíveis, São pessoas comuns: pastores, prostitutas, pequenos proprietários que resistem à opressão dos poderosos, estrangeiros que fogem de seu lugar natural em busca de uma vida melhor, mulheres destemidas, pessoas comuns até o momento em que Deus se faz revelar em sua vida. Assim como "Os personagens da Bíblia são narrativamente desenhados com uma profundidade maior de consciência e destino", assim a leitura popular da Bíblia faz-nos conscientes de nossa realidade e aptos a mudar nosso destino (MENDONÇA, 2015, p. 27).

Para concluir, apresento uma paráfrase da parábola sobre a Bíblia, de Frei Carlos Mesters, apresentada em sua obra *Flor Sem Defesa*.

A flor está exposta no caminho e algumas pessoas se aproximam. O primeiro, um cientista, leva e flor para seu laboratório, lá a examina pétala por pétala para saber de onde vem a sua coloração e o seu perfume. A segunda uma mulher, muito distinta e elegante, pega a flor constrói em sua casa um altar e a coloca em um vaso muito bonito e a flor fica lá abandonada até que seque. O terceiro é um homem, muito piedoso, que acredita que a flor tem poderes mágicos, ele a leva pra casa e a protege com todo o cuidado, pois quando está feliz atribui a felicidade a sua flor, e quando está triste pede a flor que mude a sua sorte. A quarta pessoa é a D. Maria da praia[3] senhora pobre, iletrada, mas repleta da sabedoria de Deus. Ao encontrar a flor, ela se alegra e ao chegar em casa chama seus parentes, amigos e vizinhos para que todos possam contemplar a beleza da flor e sentir seu perfume. Durante toda a vida da rosa, D. Maria se alegra ao expor a flor para todos. Contudo, um dia a flor perde sua beleza e seu perfume. Se você achou que D. Maria ficou triste e foi chorar se enganou. Ela distribuiu as sementes da flor para que ela renascesse na casa de todas aquelas pessoas, que como ela se encantaram com a luz, a beleza e o perfume da flor (MESTERS, 1991, p. 8-9).

[3] Era com essa expressão que o Fundador do meu Instituto Religioso, Pe. Caetano chamava aquelas pessoas mais simples, pobres, por vezes iletradas, que moravam em favelas, e que, para ele, tinham o mesmo direito de conhecer a Palavra de Deus em toda a sua profundidade, como qualquer teólogo.

Considerações finais

A tradição oral, na perspectiva de uma leitura popular da Bíblia, tem por fonte primeira o lar, a família ou o ambiente no qual se ouve as primeiras narrativas acerca da história sagrada. E quem as conta, o faz a partir de seu lugar no mundo. Por conta disso, a história da salvação da humanidade por Deus é a mesma, o que muda é a interpretação do contexto histórico do narrador. Com o passar do tempo, essa Palavra vai iluminando a vida e a história de seus ouvintes, a partir de sua experiência com essa Palavra. A leitura popular da Bíblia faz com que essa Palavra se torne, na vida de seus leitores, sinal e instrumento de transformação para um mundo melhor, justo e digno para todos os oprimidos e marginalizados, porque essa "Palavra está bem ao teu alcance, está em tua boca e em teu coração, para que a possas cumprir" (Dt 30,14).

Referências

CARVALHO, João Jairo de. A Bíblia e o Fenômeno da Linguagem. **Protestantismo em Revista** | São Leopoldo, v. 31, p. 60-74, maio/ago. 2013 Disponível em: < http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp.

MANNUCCI, Valério. **Bíblia Palavra de Deus**: Curso de introdução à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 1985.

MENDONÇA, José Tolentino. **A Leitura Infinita da Bíblia**, a Bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas; Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

MESTERS, Carlos. **Flor sem Defesa**: uma explicação da Bíblia a partir do povo. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991.

MESTERS, Carlos. **Por trás das palavras**: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991.

MOURÃO, José Augusto. Tradição Oral e Literatura Bíblica. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, nº 9, p.163-175, 1996.